

O educador na Era da infoxicação: uma investigação sobre mediações tecnossociais no ensino remoto emergencial¹

Michel Carvalho da SILVA²
MECOM (ECA/USP), São Paulo, SP

RESUMO

O artigo discute o fenômeno da infoxicação no cotidiano docente a partir do relatório de pesquisa “Ensino remoto emergencial e transições associadas”, que faz parte do projeto de pesquisa “Comunicação e Educação: mediações tecnossociais no ensino básico (2020-2024)”, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas (MECOM/USP). O neologismo “infoxicação”, que é a junção das palavras intoxicação e informação, designa o consumo excessivo de dados, notícias e mensagens de todo o tipo e qualidade. Durante a crise pandêmica, em que o ensino remoto emergencial se instaurou nas escolas brasileiras, verificou-se que os professores foram impactados pelo uso excessivo das tecnologias digitais e pela aceleração social. A investigação mostra que processos educativos formais desenvolvidos em períodos de emergência, que exigem maior uso de dispositivos comunicacionais, podem favorecer cenários de infoxicação.

PALAVRAS-CHAVE: ensino remoto emergencial; infoxicação; hiperconexão; atividade docente.

Introdução

O estado de pandemia em virtude do avanço da Covid-19 em escala global foi decretado em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS). No final de março daquele ano, escolas de todos os cantos do mundo suspenderam as atividades escolares presenciais. A necessidade de quarentena para conter o avanço do novo coronavírus fez com que os estudantes ficassem dentro de casa. Diante desse cenário de emergência sanitária, professores, gestores públicos e especialistas no campo da educação tiveram que pensar em alternativas de aprendizagem para o período de isolamento social.

O surgimento do ensino remoto emergencial (ERE) se impôs pela necessidade de reorganizar o calendário escolar e retomar minimamente as atividades pedagógicas. O predomínio da modalidade assíncrona, onde o professor planejava com antecedência o conteúdo (vídeo aulas, exercícios, apostilas, entre outros), se justificou porque parte

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutor em Ciências Humanas e Sociais (UFABC) e Mestre em Ciências da Comunicação (ECA/USP). Investigador do Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas (MECOM) e diretor-adjunto da Associação Brasileira de Comunicação Pública (ABCPública) - Regional São Paulo. Contato: midiacidade@gmail.com.

significativa dos educadores e alunos não estava devidamente preparada ou não dispunha dos recursos necessários para esse novo cenário (FINELLI; PRATES, 2021).

A complexidade do ensino remoto emergencial materializa os dilemas de uma “sociedade acelerada”, caracterizada por uma elevação do ritmo da vida (ou insuficiência de tempo) apesar das impressionantes taxas de velocidade de sua aceleração tecnológica (ROSA, 2022, p. 34). Com a pandemia, o regime 24/7 (CRARY, 2004) parece ter se sedimentado no universo educacional, de modo que boa parte dos professores ficou de prontidão, conectada a celulares e computadores permanentemente. A hiperconectividade, associada a um ecossistema midiático digital em contexto de plataformização, favoreceu um quadro de desordem informativa, que cria obstáculos à compreensão coletiva dos acontecimentos (PORTUGAL; AGUADED, 2020).

Como aponta Han (2017a), a hiperinformação não afasta a imprecisão do todo, o que pode ser comprovado durante a pandemia, em que a população foi bombardeada por uma overdose de informações. A Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu esse fenômeno como infodemia, ou seja, um aumento desordenado no volume de informações acerca de um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento particular (OPAS, 2020).

Durante o ERE, a educação foi impactada pelo uso excessivo das tecnologias comunicacionais e pelo bombardeamento de informações (CITELLI, 2023). Nesse período de emergência sanitária, muitos professores apresentaram dificuldades em administrar o tempo da docência e demonstraram ansiedade e estresse diante da necessidade de adaptação às plataformas digitais. Em virtude da permanente conectividade e demasiada oferta informativa, não é exagero afirmar que os profissionais de educação sofreram com aquilo que vem sendo designado por alguns teóricos como intoxicação informacional.

O neologismo “infoxicação”, que unifica as palavras intoxicação e informação, foi criado em 1996 pelo físico espanhol Alfons Cornella para representar o impacto negativo do excesso de informações nos indivíduos. Do final do século XX até hoje, o problema da sobrecarga informacional se agravou, principalmente em períodos que exigem maior utilização de dispositivos tecnológicos, como se observou durante o desenvolvimento do ensino remoto emergencial.

Para investigar se os processos educativos formais desenvolvidos em períodos de emergência, que exigem maior uso de dispositivos comunicacionais, podem favorecer

cenários de estresse, ansiedade e infoxicação, o presente artigo utiliza dados do relatório de pesquisa “Ensino remoto emergencial e transições associadas”³, que faz parte do projeto de pesquisa “Comunicação e Educação: mediações tecnossociais no ensino básico (2020-2024)”, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas (MECOM/ USP/CNPq). Inicialmente, o trabalho propõe uma sistematização teórica sobre os conceitos de desordem informativa, hiperconexão e infoxicação. Em seguida, apresenta-se os pressupostos da referida pesquisa e alguns de seus dados. A partir desses números, reflete-se como a educação pode ser impactada por um cenário infoxicado, em que os professores necessitam constantemente se informarem e se adaptarem às novas tecnologias de informação e comunicação.

Notas sobre um ecossistema midiático infoxicado

Segundo Han (2022), vivemos em um mundo no qual, mesmo sem notarmos, somos condicionados por uma lógica que nos leva a produzir e a consumir informação a todo instante, interferindo fortemente em nossa capacidade de reflexão. Para Han, é por meio do regime de atenção que a produção e consumo de informações se impõe. Informações – de todo tipo e qualidade – são prontamente consumíveis, e exigem somente uma atenção efêmera. Assim, de acordo com o autor, a partir do momento em que consumimos apenas aquilo que requer atenção imediata e instantânea, acabamos ignorando outros modos de apreensão da realidade cotidiana.

A abundância de informações é resultante de múltiplas representações sobre os acontecimentos do mundo, criadas a partir de inúmeros agentes, e apresentadas em diversos suportes (BOCZKOWSKI, 2021). Esse ecossistema informacional caótico faz com as pessoas tenham grandes dificuldades em se fixar no que realmente é importante, prejudicando a sua aptidão de julgar os conteúdos em circulação. As mentes possuem capacidade limitada de atenção e sofrem com tanta informação (NAISH, 2009). Segundo

³ Dividido em sete partes, o trabalho apoiou-se em um questionário com 34 perguntas, aplicado através do Google Forms e se buscou levantar dados sobre o perfil docente, assim como a infraestrutura disponível nas escolas e no ambiente doméstico para a realização das aulas de forma remota. Dentre os assuntos abordados estiveram o processo de formação, as experiências e formas de interação dos professores e professoras com a equipe gestora das escolas, entre outros. Considerando o cenário pandêmico e seus efeitos, as questões também se voltaram ao tema da aceleração social do tempo, que ocupa lugar de centralidade nas pesquisas do MECOM/USP.

Gabler (2011), os indivíduos acumulam uma grande quantidade de informações, mas não conseguem desenvolver um pensamento crítico e profundo sobre fatos e acontecimentos do cotidiano. A era digital, para o autor, legou "a ignorância bem-informada".

A humanidade está imersa num ecossistema midiático em que dados, opiniões, boatos e mentiras se justapõem. Além das informações (verdadeiras ou não), o público hoje tem acesso a vídeos, animações, áudios, GIFs, fotos ou textos curtos produzidos para as plataformas digitais, na maioria das vezes sem origem, sem a devida contextualização, nem autoria definida. Nesse cenário de hiperestimulação sensorial e de parca reflexividade, os indivíduos são tragados pelo discurso performativo publicitário, em que tudo é monetizado. De fato, assiste-se a uma “desordem informativa” que produz confusão e desconfiança em escala global (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017).

Um dos danos mais perceptíveis desse quadro de overdose de dados e notícias é uma espécie de “envenenamento” informativo. O emprego de termos do campo da saúde no da comunicação não é uma mera questão casual. Segundo Cornella (2013), a infoxicação designa um consumo desmedido de informações, em alusão direta à ingestão de substâncias tóxicas. Numa analogia, é como estar num rodízio, quando ainda nem terminamos de digerir algo, já chega outra coisa. No caso da dieta midiática, mal atualizamos o feed de notícias e já somos notificados por mais uma mensagem, num processo de retroalimentação, dado o grau de centralidade das mídias em nossas vidas.

O sujeito infoxicado apresenta dificuldade de assimilar, a todo momento, as informações recebidas, não conseguindo se aprofundar em nenhuma delas, pulando de um conteúdo para o outro. Para o autor, a falta de capacidade de processar o grande volume de mensagens em circulação no ambiente digital e de distinguir a relevância das informações demarca esse momento histórico, que não é resultado somente de transformações tecnológicas, mas, sobretudo, de mudanças econômicas, culturais, sociais e psicológicas (CORNELLA, 2013).

Para Cornella, a infoxicação é consequência de um mundo onde a exaustividade ("tudo sobre") prevalece sobre a relevância ("a coisa mais importante"). O imperativo contemporâneo da atualização faz com que o sujeito acredite que se informar sobre tudo o que está circulando no ecossistema midiático é uma vantagem cognitiva, mas não é se inteirando de tudo que está ao seu alcance que faz alguém bem-informado, mas sim ter acesso à informação que importa. Aqueles que confundem quantidade de informação com qualidade, para Cornella, são os mais propensos a ficarem intoxicados.

Nesse sentido, a infoxicação dialoga com a patologia FOMO, expressão que é uma sigla em inglês de "fear of missing out", que, traduzida para o português, significa "medo de ficar de fora" do que está acontecendo, principalmente no ecossistema digital. A FOMO é caracterizada por uma ansiedade relacionada ao exagerado uso de celulares e de plataformas digitais. Essa sensação de medo produz um ritual de checagem constante de aplicativos, em que o sujeito sente necessidade de ficar olhando o tempo todo o feed de notícias e, quando não pode, como no trânsito, pode sentir irritação (McGINNIS, 2020).

Romero-Rodriguez et al. (2018) atualizaram o conceito introduzido por Cornella ao considerarem que a infoxicação se refere ao consumo indiscriminado de informação de baixa qualidade, em que as audiências emergem tanto como as mais atingidas quanto as mais impulsionadoras do fenômeno. Segundo os pesquisadores, os receptores quando não conseguem distinguir conteúdos de boa e má qualidade, como os produzidos para informar com precisão e aqueles destinados simplesmente ao infoentretenimento, podem ser classificados como "analfanautas" (junção de internautas e analfabetos).

De acordo com Cornella, para processar um grande volume de dados, notícias e mensagens é preciso saber dominá-lo. "Só quem se aprofundou em um assunto, quem leu muito sobre ele, pode processar informações rapidamente" (2013, online, tradução nossa). Segundo o autor, o processo de compreensão requer um conhecimento prévio sobre determinado tema, o que é dificultado na contemporaneidade pela aceleração nos ritmos de vida, como observa Rosa (2022). Para Cornella, o sintoma mais evidente da infoxicação é "a dificuldade para ler um texto devagar, palavra por palavra; quando você lê pulando palavras é porque se acostumou a ler assim na diagonal" (2013, online, tradução nossa). Assim, o sujeito intoxicado lê sem entender, o que corrobora com o argumento de que o açodamento na execução de atividades cotidianas inviabiliza a reflexividade e a experiência humana (BONDIA, 2002).

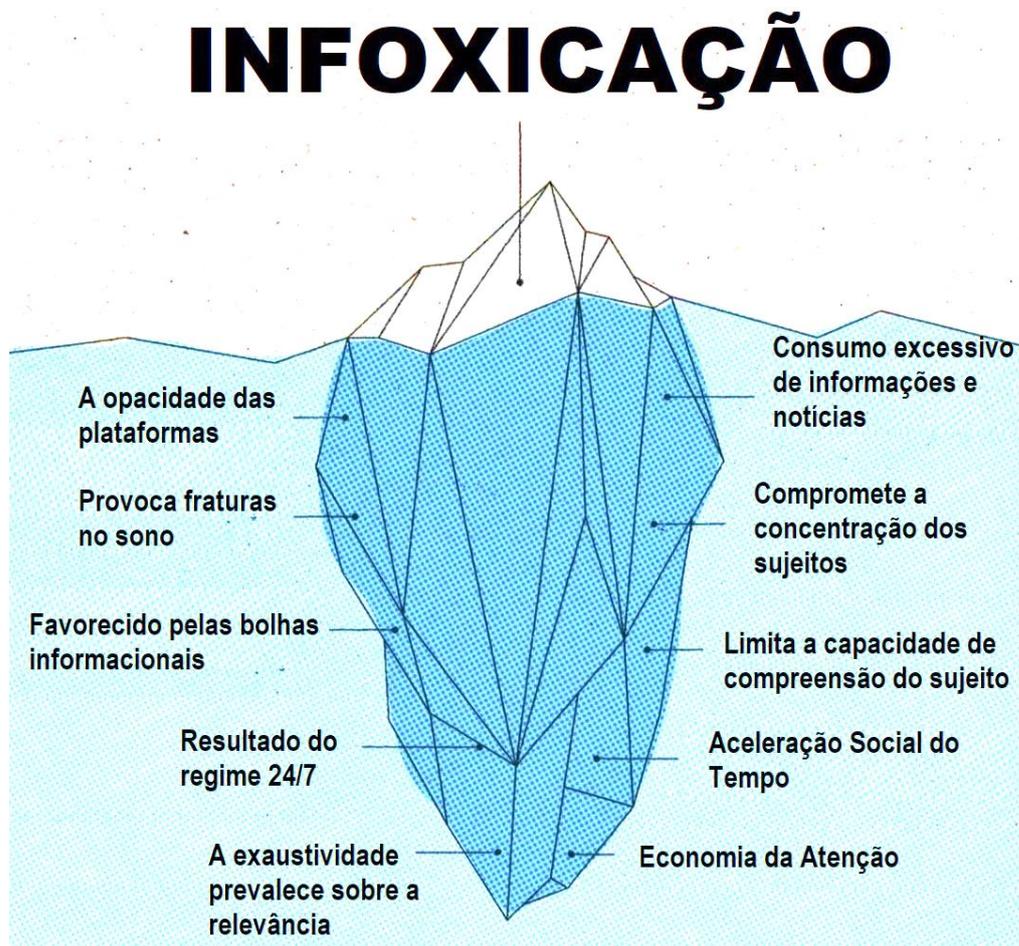
A relação entre infoxicação e hiperconexão ficou ainda mais evidenciada durante os momentos críticos da pandemia, em que o tempo conectado dos brasileiros cresceu exponencialmente. O levantamento Global Overview Report, da organização Kepios⁴, confirma essa tendência de crescimento, quando mostra que o brasileiro ficou em média nove horas e trinta e dois minutos conectado por dia em 2022, isso significa estar navegando na internet na maior parte do tempo que passa acordado. Com esses números,

⁴ Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2023-global-overview-report>. Acesso em 16 ago. 2023.

o Brasil supera países desenvolvidos, como a Inglaterra, onde o tempo médio gasto na internet é de 5 horas e 47 minutos.

Para além da questão da abundante oferta informativa, podemos considerar que a hiperaceleração, a onipresença das plataformas digitais, o estado permanente de prontidão e a monetização da atenção também contribuem para a formação de ambientes infoxicados (figura 1). Além disso, a lógica algorítmica favorece a criação de bolhas informacionais, que potencializam o consumo de dados, notícias e mensagens que endossam crenças e valores de grupo.

Figura 1. Esquema “iceberg” que ilustra o contexto da infoxicção



Fonte: Autor (2023).

Diante desse contexto de sobrecarga informacional, crescem as preocupações acerca dos potenciais danos da infoxicção ao ser humano, que vão desde a ansiedade e o estresse até sintomas somáticos que prejudicam a concentração e o pensamento crítico. O excesso de trabalho cognitivo, que envolve a assimilação de mais informações do que

a capacidade do ser humano permite, provoca fraturas no sono e impede o repouso. Ao criticar o caráter inexorável do regime 24/7, Crary afirma que “o tempo para descanso e regeneração dos seres humanos é caro demais e não é estruturalmente possível no capitalismo contemporâneo” (2014, p. 24). Para Han, esse cenário nos leva a uma aversão à contemplação, ao ócio e à introspecção, uma vez que “o imperativo expositivo leva a uma absolutização do visível e do exterior. O invisível não existe, pois não possui valor expositivo algum, não chama a atenção” (2017a, p. 34).

As consequências da denominada “Era da Infoxicação” se intensificam em momentos que exigem maior uso das tecnologias digitais e de permanente conectividade, como se viu durante a vigência do ensino remoto emergencial. A seguir, apresentaremos os resultados de questões que versam sobre mediações tecnossociais no trabalho docente e que nos ajudam a compreender os danos da infoxicação na prática docente.

A hiperconexão no ensino remoto emergencial

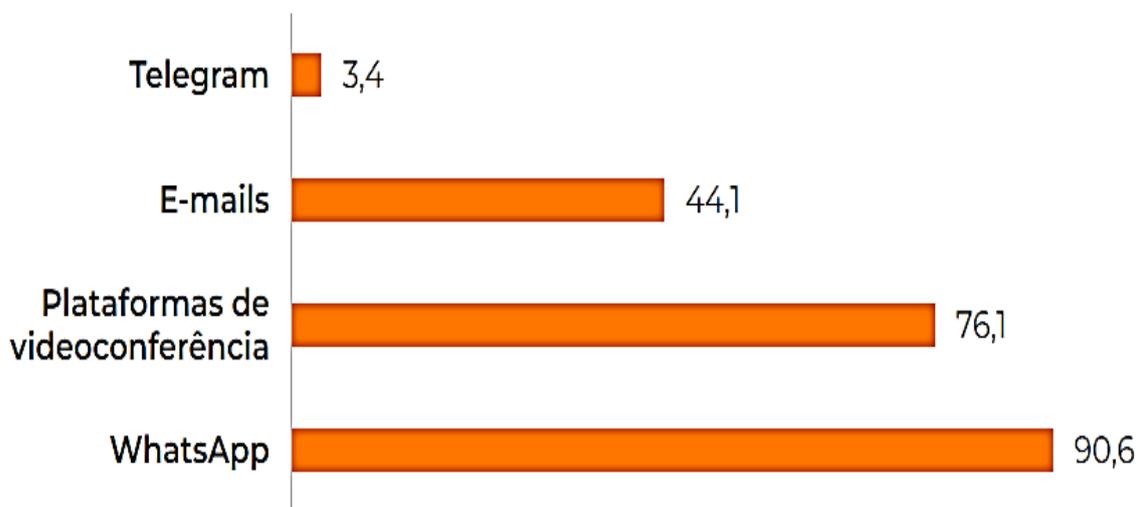
O relatório digital “Ensino remoto emergencial e transições associadas” apresenta uma série de gráficos e dados sobre diferentes questões que envolvem os impactos da pandemia nos professores do ensino básico que atuaram em salas de aula entre o segundo semestre de 2021 e o primeiro de 2022 (CITELLI, 2023). A investigação observou os reflexos do ERE nos processos de aprendizagem e os desafios pedagógicos impostos ao professorado diante de um possível contexto de “tempo perdido” por conta do período em que os alunos estiveram fora da sala de aula.

A pesquisa envolveu 447 docentes do ensino básico, quase a totalidade (99,7%) atuando em escolas públicas, nos níveis fundamental e médio, com maior concentração no estado de São Paulo (59,7%,) seguido de Pernambuco (11,4%), Bahia (10,3%) e Santa Catarina (6%). Para o presente artigo, nos concentraremos em quatro questões respondidas pelos professores investigados que versam sobre o comportamento online dos educadores e suas percepções frente ao desafio de estar conectado permanentemente.

Na primeira questão (figura 2), a pesquisa indaga os respondentes sobre os recursos de comunicação mais utilizados durante o trabalho docente remoto. Os participantes do estudo podiam assinalar mais de uma alternativa das que tinham à disposição. A preferência dos professores é o aplicativo de mensagens WhatsApp

(90,6%), seguida pelas plataformas de videoconferência (76,1%), o e-mail (44,1%) e, por último, o Telegram (3,4%), um concorrente direto do WhatsApp, mas ainda pouco utilizado pelos educadores.

Figura 2. Gráfico relativo aos recursos de comunicação mais utilizados durante a realização do trabalho docente remoto (%)



Fonte: MECOM (2023).

Esses números não surpreendem, uma vez que o WhatsApp é o aplicativo mais presente na tela principal dos smartphones dos brasileiros e aquele que é mais acessado ao longo de um dia, conforme apontou o levantamento "Panorama", feito em dezembro de 2022 pelo site Mobile Time e a empresa em soluções em pesquisas Opinion Box⁵. Em tempos de ERE, em que o trânsito das mensagens cresceu exponencialmente, o WhatsApp se apresentou como o dispositivo mais ágil para executar as mais diferentes operações exigidas na interação entre professores, dirigentes escolares, estudantes e responsáveis, desde corriqueiras trocas de mensagens até a manipulação de arquivos relativos a atividades didático-pedagógicas, como enviar um exercício para os alunos ou o plano de aula para a coordenadora de ensino.

Se, por um lado, o WhatsApp se tornou um recurso essencial para o dia a dia docente, ao permitir o envio ou recebimento de variados tipos de signos e agilizar os fluxos de comunicação; de outro, o aplicativo reforçou a sensação de prontidão, já que

⁵ Disponível em: <https://www.mobiletime.com.br/pesquisas/>. Acesso em 15 ago. 2023.

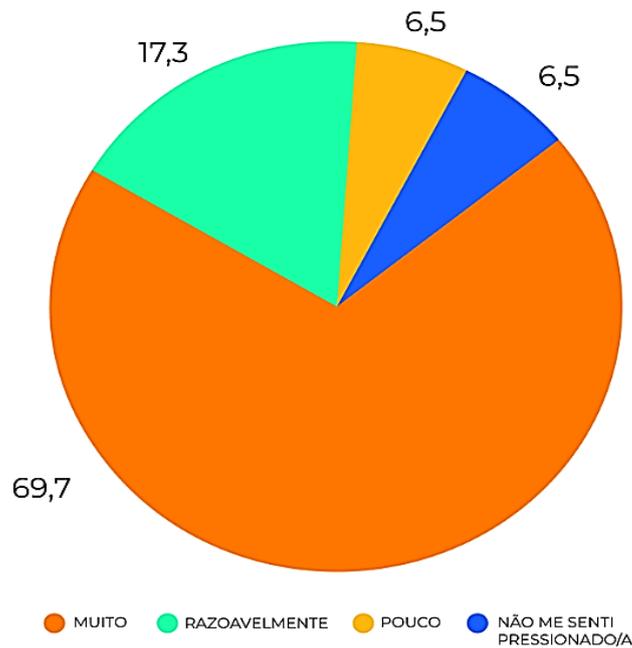
muitos professores respondiam aos alunos e à direção escolar fora de sua jornada de trabalho. Além disso, durante o ERE, os professores tiveram que administrar diferentes grupos, criados no aplicativo, para interagir com suas turmas, o que intensificou a troca de mensagens, e exigiu um trabalho complementar dos educadores como mediadores.

As plataformas de videoconferência (Google Meet, Zoom, Microsoft Teams, Skype, StreamYard, Cisco Webex, entre outras), indicadas em segundo lugar como de maior utilização pelos docentes, ocuparam um importante papel durante as atividades do ERE. Esses dispositivos possibilitaram a realização de aulas síncronas, ou seja, em tempo real, em que professores e alunos conseguiam interagir minimamente. Sem dúvida, essa nova dinâmica de mediação pedagógica exigiu que os agentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem tivessem que aprender rapidamente a lidar com essas plataformas de videoconferência. Já o email, terceiro recurso mais acessado durante o trabalho docente remoto, é um canal de comunicação mais institucional, que não possibilita o mesmo grau de interatividade que o WhatsApp, mas que requer atenção permanente dos docentes sobre a caixa de entrada e uma possível nova demanda a ser atendida.

Na figura 3, apresentamos o gráfico sobre as respostas dos professores à questão: “Durante a pandemia, você se sentiu pressionado para responder rapidamente mensagens de trabalho em seu celular? O levantamento mostra que cerca de 70% dos participantes do estudo sinalizam ter sofrido muita pressão para esclarecer celeremente pedidos feitos seja por estudantes seja por dirigentes escolares ou secretarias de educação, no período de vigência do ERE.

O gráfico demonstra que a coerção aceleratória acabou sendo introjetada pelos professores ao lidar com mensagens de trabalho durante o ERE. Nessa dinâmica, o aparelho celular, que opera em nosso cotidiano como uma espécie de “prótese”, se apresenta como um dispositivo de atendimento imediato de solicitações, que se multiplicaram naquele período agudo de crise sanitária.

Figura 3. Gráfico sobre a questão: “Durante a pandemia, você se sentiu pressionado/a para responder rapidamente mensagens de trabalho em seu celular?” (%)



Fonte: MECOM (2023).

Na razão neoliberal de “empresa de si”, estar ocupado tem um status social, ou seja, é preciso fazer muito em pouco tempo a todo momento. A pressão mencionada no enunciado da questão faz alusão a um tipo de exigência que foi corriqueira no ERE. A ideia de que toda mensagem devesse ser respondida prontamente vigorou entre muitos professores, alguns preocupados com potenciais dúvidas dos alunos, outros atentos a qualquer orientação da direção escolar.

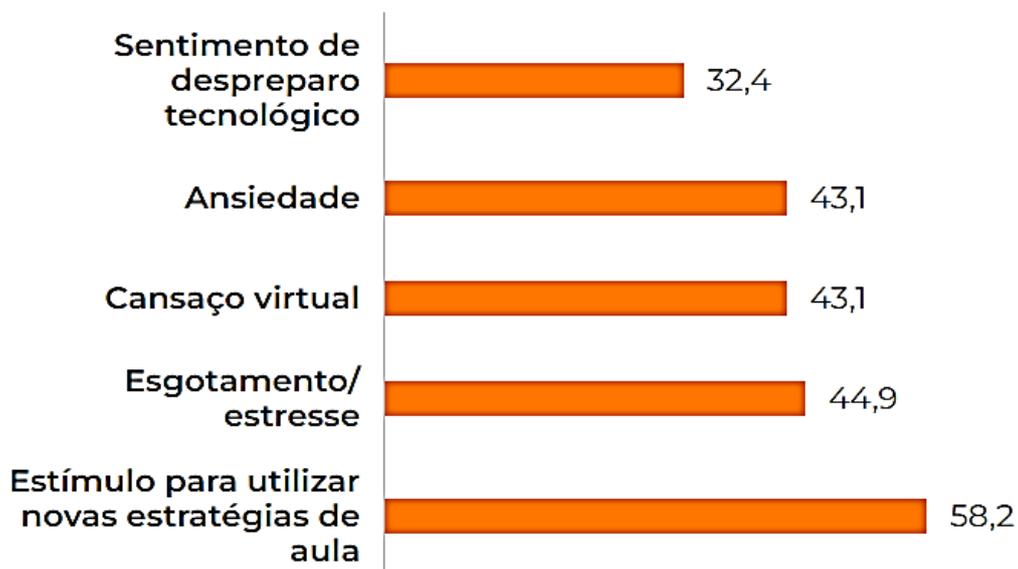
Esse resultado ajuda a explicar o crescimento das enfermidades laborais nos professores, como a síndrome de burnout, a ansiedade e outras patologias de fundo psíquico-emocional. Como aponta Citelli (2023), a disponibilidade do celular e o amplo franqueamento ao seu uso promoveu tanto o aumento na carga de trabalho dos docentes como a convivência deles com uma ordem temporal marcada pela aceleração, que acaba dissolvendo a distinção entre trabalho e repouso, online e offline, entretenimento e informação.

Não é exagero afirmar que a pressão do ERE fez com que alguns educadores desejassem acionar a opção “silenciar” do WhatsApp como forma de evitar um mal-estar, tamanha a quantidade de notificações por dia. No entanto, em certa medida, o aplicativo se tornou um mediador tecnossocial “full time”, que não permitiria a desconexão em

nenhum momento. E o professor que desrespeitasse esse imperativo, ficando incomunicável por um período, poderia ser considerado irresponsável por seus pares, alunos e direção escolar.

Na figura 4, apresentamos o gráfico que versa sobre o tipo de sentimento a necessidade de trabalhar com novos dispositivos de aprendizagem (plataformas, sites, aplicativos, softwares, entre outros) despertava nos professores. Os respondentes podiam assinalar mais de uma alternativa das dez que tinham à disposição. O referido gráfico aponta as cinco que mais se destacaram entre os sujeitos da pesquisa, sendo que a afirmativa de que tais dispositivos representam um “estímulo para a utilização de novas estratégias de aula” (58,2%) despontou como favorita entre os 445 docentes que assinalaram ao menos uma das opções.

Figura 4 – Gráfico sobre a questão: “A necessidade de trabalhar com novos dispositivos de aprendizagem (plataformas, sites, aplicativos, softwares, entre outros) provoca” (%):



Autor: MECOM (2023).

O sentimento de entusiasmo frente à possibilidade de utilizar novos dispositivos de aprendizagem guarda relação com uma visão otimista da tecnologia como suporte pedagógico, mas também com uma mentalidade concorrencial, ou seja, dominar novos aparatos digitais (plataformas, aplicativos, etc.) significa um fator distintivo. Num mundo em que a ascensão social está associada, cada vez mais, a um mérito individual, é natural observar que docentes considerem essa necessidade do ERE como uma oportunidade de

ser reconhecido por um saber específico. A luta por reconhecimento torna, segundo Rosa (2022), um elemento propulsor da aceleração social, estimulando a concorrência e a busca por um melhor desempenho (em termos neoliberais).

As demais respostas mais apontadas endossam a tese sobre o aumento da extenuação física e emocional dos docentes diante desse cenário pandêmico, que requer adaptação à realidade imediata, com a necessidade de assimilação rápida de tecnologias digitais até bem pouco tempo desconhecidas, conhecida de forma superficial e/ou utilizadas para outras destinações, ou seja, não pedagógicas (CITELLI, 2023). Todas as opções com percentual próximo à metade da amostra, a incidência das assertivas “esgotamentos/estresses” (44,9%), “cansaço visual” (43,1%) e “ansiedade” (43,1%) é indicativo de que os professores foram submetidos a uma rotina exaustiva e desgastante, enquanto buscavam se apropriar das novas plataformas digitais e rearranjar o ritmo da vida, com o espaço e as experiências privadas, do lazer e entretenimento, das atividades domésticas, sendo ocupados pelas responsabilidades do ERE.

Outro fator que sustenta esse ponto se apresenta no exame em detalhe dos dados levantados nesta questão. É possível verificar que 76,8% das pessoas que escolheram “estímulo para a utilização de novas estratégias de aula” também indicaram uma ou mais opções que, de certa maneira, colocam em risco o bem-estar destes profissionais. A tendência se manteve quando a mesma análise foi feita com as alternativas “entusiasmo” e “melhor aproveitamento do tempo”. Ao todo, 76,8% daqueles que escolheram a primeira e 79,3% dos que preferiram a segunda, portanto, proporções próximas a quatro quintos de todos os participantes selecionaram adicionalmente alguma variável associada ao estresse e sofrimento docente. Vale ressaltar, por fim, que menos de um terço dos respondentes optou por: entusiasmo (27%) e melhor aproveitamento do tempo (24%).

Os dados apontam que mesmo quando os educadores atribuem sentido positivo à necessidade de lidar com novos aparatos tecnológicos durante o ERE, não desconsideram contrapartidas ou aspectos negativos desta exigência docente.

Apontamentos Finais

Os problemas enfrentados pela comunidade escolar durante o desenvolvimento de atividades pedagógicas não presenciais desvelaram uma série de questões importantes

para se pensar o futuro do ensino, cada vez mais mediado por dispositivos tecnossociais, como aplicativos de mensagens, plataformas de videoconferência, sites de redes sociais e ambientes virtuais de aprendizagem. Não há como pensar a educação sem considerar a centralidade da comunicação nos processos de ser e estar no mundo. Por outro lado, a plataformização da vida, e o consequente estado permanente de conexão, favorece a formação de ambientes infoxicados, atravessados pela abundante oferta informativa e pela aceleração social do tempo.

No presente artigo, selecionamos três questões do relatório “Ensino remoto emergencial e transições associadas”, realizado pelo MECOM/ECA/USP, para discutir a relação dos professores do ensino básico com as mediações tecnossociais no ERE, num contexto de crescente infoxicação. Os docentes, de acordo com o referido estudo, utilizaram majoritariamente o WhatsApp para a realização das atividades remotas, e se sentiram muito pressionados para responder prontamente às mensagens de trabalho no celular. Os resultados também mostram que, apesar de a maioria dos docentes respondentes indicar que a necessidade de usar novos aparatos comunicacionais provoca estímulo para empregar novas estratégias de aula, uma parte significativa dos professores sinaliza, ao mesmo tempo, esgotamento, cansaço virtual e ansiedade.

A investigação mostra que processos educativos formais desenvolvidos em períodos de emergência, que exigem maior uso de dispositivos comunicacionais, favorecem cenários de overdose informacional, que impossibilitam atividades cognitivas mais profundas, como a reflexão e a própria experiência. A coação do regime 24/7 acentua a sensação de “falta de tempo”, principalmente quando analisamos as demandas de uma realidade emergencial, caracterizada por uma profusão de dados, mensagens e notícias e uma necessidade imediata de atualização das práticas pedagógicas.

Uma das consequências desse quadro são os problemas de saúde, que, com frequência, levam ao afastamento das funções, às solicitações de transferência para atividades administrativas e, no limite, à aposentadoria compulsória (FALCÃO, 2017). Como pontua Han (2017a), doenças neurais podem ser causadas pelo excesso do que ele chamou de “positividade performativa”, aquele incentivo a sermos mais e mais produtivos, dando conta de tudo que precisamos fazer em um mundo totalmente acelerado pelas plataformas digitais. Esse mito do “sujeito multitarefa”, que se atualiza a todo momento, produz uma atenção dispersa e leva a uma fadiga mental agravada pelos processos de aceleração acrítica.

Sem dúvida, o presente artigo não tem o objetivo de esgotar o assunto, apresentando conclusões definitivas sobre como a atividade docente é impactada por ambientes infocados. A ideia é colaborar com a discussão sobre ações para mitigar os efeitos do uso excessivo das tecnologias digitais pelos professores. Para aprofundar o debate, será necessário o desenvolvimento de novos estudos, talvez mais focados na competência informacional dos educadores. No entanto, é possível afirmar que a formação de cidadãos críticos depende de docentes com tempo para refletir sobre as informações que consomem e sua prática profissional. Num mundo dominado por uma avalanche de dados, é fundamental selecionar a informação que leva à compreensão.

É tempo de repensar a tecnologia, sem o otimismo ingênuo, nem o fatalismo desmedido, como nos sugere Huk:

(...) precisamos rearticular a questão da tecnologia e contestar os pressupostos ontológicos e epistemológicos das tecnologias modernas, sejam elas as redes sociais ou a inteligência artificial. (...) Sem confrontarmos o conceito de tecnologia em si, dificilmente seremos capazes de preservar a alteridade e a diferença. (...) O desconhecimento da tecnologia e a aceleração cega conduzirão apenas ao agravamento dos sintomas enquanto fingem tratá-los (HUK, 2020, p. 18-19).

REFERÊNCIAS

BOCZKOWSKI, P. **Abundance**: On the experience of living in a world of information plenty. New York: Oxford University Press, 2021.

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação** [online], Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.

BRITO, J. M. S. A Singularidade Pedagógica do Ensino Híbrido. **EaD Em Foco**, v. 10, n. 1, 2020.

CITELLI, A. (Coord.). **Ensino remoto emergencial e transições associadas**. São Paulo: ECA-USP, 2023.

CITELLI, A. (Org.). **Comunicação e educação**: dinâmicas midiáticas e cenários escolares. Ilhéus: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2021.

CORNELLA, A. . Cómo darse de baja y evitar la infoxicación en Internet. **Extra!-Net. Revista de Infonomía**, [s. l.], v. 187, 1996.

CORNELLA, A. . Infoxicación... Disponível em:
<https://alfonscornella.com/2013/10/02/infoxicacion/>. Acesso em: 18.nov. 2022.

CRARY, J. . 24/7: **Capitalismo tardio e os fins do sono**. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

FALCÃO, Sandra P. . Aceleração temporal e estresse docente. In: CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação**: os desafios da aceleração social do tempo. São Paulo: Paulinas, 2017.

FINELLI, L. A. C.; PRATES, A. E. Estágio curricular na educação: experiências em tempos de educação híbrida. In: FINELLI, L. A. C. (Org.). **Estágio curricular na educação**: experiências em tempos de educação híbrida. Guarujá, SP: Científica Digital, 2021.

GABLER, N. . **The Elusive Big Idea**. The New York Times. 2011. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2011/08/14/opinion/sunday/the-elusive-big-idea.html>. Acesso em 15 ago. 2023.

HAN, B. C. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Petrópolis: Vozes, 2022.

HAN, B. C. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017a.

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017b.

HUK, Y. . **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu, 2020.

McGINNIS, P. . **Fear of missing Out**: Practical Decision-Making in a World of Overwhelming Choice. Naperville: Soucebooks, 2020.

NAISH, J. . **Warning**: brain overload. The Times, Londres, 2 jun. 2009. Disponível em: <https://www.thetimes.co.uk/article/warning-brain-overload-fv6sc7gmvb8>. Acesso em: 15 ago. 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19. **Kit de ferramentas de transformação digital**. Página informativa n. 5, 5p. 2020. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14. Acesso em: 4 jul. 2023.

PORTUGAL, R.; AGUADED, I. Competencias mediáticas y digitales, frente a la desinformación e intoxicación. **Razón Y Palabra**, v. 24, n. 108, 2020.

ROMERO-RODRIGUEZ, L.; DE-CASAS, P. ; PEDREIRA, Mari C. . Desinformación e Intoxicación en las cuartas pantallas. In: AGUADED, I.; ROMERO-RODRÍGUEZ, Luis M. **Competencias mediáticas en medios digitales emergentes**. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, p. 73-92, 2018.

ROSA, H. . **Alienação e aceleração**. Por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna. Petrópolis: Vozes, 2022.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information disorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policy-making. Strasbourg: Council of Europe, 27 set. 2017. Disponível: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>. Acesso em: 18 fev. 2023.